

Historia de uma noite de chuva



S ultimos clarões d'uma tarde de inverno já iam morrendo ao longe, muito ao longe, nos plainos dos campos desertos, por entre os montes que se sucedem, num ceu soturno e feio. E um vento felino zumbia por entre as arvores nuas, entre os caminhos e uma chu-

va forte batia nas vidraças, escorria dos beirais—de onde ha muito as andorinhas partiram—e engrossava as levadas, outróra regatos ciciantes, no remanso das tardes.

Manuela foi inquieta encostar-se á vidraça da pequena janela e via assim a noite serrar-se, sem que o vento deixasse de sacudir com furia as ramadas altas dos pinheiros e a chuva de cair. Teria, sem dúvida, de ficar ali naquela casa desabrigada, humilde, onde fôra pedir abrigo quando a chnva a surpreendera no me da serra, sem um conforto, sem um abafio.

Teve um estremecimento de frio. Chegou se para o calôr do lume.

O brazeiro e uma candeia de azeite pendurada na parede que o vento pelas frestas quase apagava espalhavam uma luz sanguinea que mal alumiaava a casa. Do tecto de traves grossas, pendiam résteas de cebôlas e duma parede ao fundo, onde se desenhavam sombras moveiças, uma prateleira sustinha pratos de barro grosso e outros utensilios domesticos. A um canto, sobre uma arca velha, coberta por um pano de ramagens vermelhas, um crucifixo dava um aspecto mais frio mais triste.

A noite caía, então.

Manuela aninhou-se mais junto ao lume, sentindo em redor de si uma solidão profunda no meio da noite longa dum desabrigado inverno.

A tia Terêsa, vergada pelo pêso de muitos anos, arrastando os pés sobre o sôlho velho veio atear com algumas achas a lareira, de onde as labaredas começaram a subir mais vivas e foi depois para um canto fiar vagarosamente na roca.

Então, no silencio da noite apenas cortado pelo ritmo da chuva que caía incessantemente, alguém bateu á porta, fazendo-a tremer nos gonzos velhos. Manuela enfiou-se mais no seu canto, amedrontada. Muitas vezes ouvira falar de ladrões que assaltavam os casaes pela calada da noite e de lobos famintos que procuravam as casas solitarias no meio da serra.

A velha foi vêr quem era. Alguem pedia que abrissem a porta, para se abrigar da chuva que caía impiedosa.

— Não abra a porta. Não abra! Suplicava Manuela escondida na sombra, cheia de pavôr, levando instintivamente a mão ao colar sobre o colo branco que arfava num alvoroço e enrolando-se melhor no casaco de peles. Contudo, a tia Teresa não atendeu os rogos. Pobre, a quem os pobres não encontrariam que roubar e habituada a prestar abrigo a todos os que cruzavam aquelas paragens desertas, abriu a por-

ta. Um homem entrou fazendo tilintar as esporas da sua bota alta. A velha ergueu a candeia á altura do seu rosto moreno, para distinguir as feições e logo o saudou como pessoa que já conhecia.

Falando das chuvas o novo hospede que tambem fôra abrigar-se debaixo das telhas da casa humilde da tia Teresa foi descalçando as luvas procurando familiarmente um assento ao pé do lume.

Só aí então deu com os olhos em Manuela que, quase encobria o rosto na gola larga do casaco.

Depois ele puxou por um cigarro, acendeu-o tranquilamente numa das achas do brazeiro e, reparando novamente em Manuela, nos seus olhos garços que fitavam agora um ponto vago, indefinido, na sua cabeça loira e ativa encostada sobre um dos braços,—reviveu o que se passara entre ambos, menses antes, sem que até ali se tivessem mais encontrado.

*

Era no verão, numa dessas tardes calmas de ceu azul, quando nas arvores as folhas não sussurram nem as aves cantam.

Henrique seguia pela estrada cheia de sombra das olaias copadas e alongava a vista pelo extenso val, pelos casaes fumegantes, pelas terras onde a lento passo os bois arrastavam o arado, quando uma voz lhe chamou a atenção. Era Manuela que saía duma vereda montada tambem num cavalo, meia afogueada dum grande galope a que obrigara o animal logo que o vira. Meteram os cavalos lado a lado, pela estrada fora e seguiram a conversar.

Conheciam-se de ha muito.

Eram quase vizinhos. Manuela, filha de uma familia rica, passava o verão numa quinta perto das minas onde Henrique era engenheiro. Ele passava ali todos os dias.

Então Manuela, sem ter mais com quem conviver, entretinha-se a conversar com Henrique dos muros da quinta, quando este passava na estrada, pelos caminhos onde se encontravam muitas vezes, perguntando-lhe curiosamente detalhes sobre o trabalho das minas, das suas construções, sobre o viver barbaro e miseravel dos mineiros, que entretinham a sua irrequieta imaginação dada ás aventuras.

Pensara mesmo um dia em visitar as profundidades das minas. Henrique falara-lhe com alvoroço da existencia tenebrosa das grandes massas operarias, das evoluções da Russia, citava as ideias socialistas de Tolstoi.

E havia quem tivesse medo do seu modo isolado, dos seus olhos negros onde muitos julgavam vêr fulgurações temiveis de um bolchevista e que eram afinal de um simples sonhador.

Em certas epocas Manuela não aparecia. Reuniam-se na quinta, algumas familias de visita, onde davam grandes chás. Henrique recebia sempre o seu convite que ficava esquecido na larga mesa de trabalho, entre plantas e esquadros.

Juntavam-se muitas amigas de Manuela, rapazes

elegantes e de afectadas medidas, frequentadores da sociedade e de recepções pomposas. Henrique merecia a essa gente o mais soberano dos desdems.

Um dia uma amiga de Manuela vendo-o passar na estrada a cavalo, em direcção ás minas, como era de costume chegou a dizer:

— Tu não tens medo do bolchevista?

— E' a creatura mais inofensiva deste mundo.

— Pois sim. Vê lá se ele se lembra de repartir-te o colar...

No entanto, Manuela falava com Henrique As suas ideias, as suas teorias impressionavam-na; os seus ideais de um mundo perfeito, de almas perfeitas os seus pensamentos de um profundo raciocínio prendiam a sua cabeça leve, leviana, creada nos costumes postiços e balôfos duma sociedade que ele lhe fizera conhecer falsa.

Não o dizia para não merecer a censura das amigas, mas admirava Henrique as suas ideias alguma coisa lhe revelavam na imaginação, mais além do ambiente mesquinho creado pelas creaturas. E essa antipatia que todos lhe mostravam tinha para ela um sabor estranho e grato que lhe despertava um certo interesse por ele.

Nanuela queixou-se de calôr, de sêde. Pararam os cavalos junto da casa da tia Teresa. Henrique vergando-se no selim bateu com o *stick* na porta para chamar alguém.

A figura da velha assomou á soleira, dando as boas tardes á «senhora» e ao «senhor engenheiro».

Fora nesse dia que Henrique revelára a sua paixão durante muito tempo escondida no seu peito e que Manuela, no secêgo dessa tarde — enquanto uma ave num vôo longo, seguia pelo azul do ceu — dissera simplesmente, abanando a sua adorável cabeça loira e infantil:

«Não».

Depois as rosas murcharam e as ultimas folhas já sêcas, vieram cair no pó dos caminhos com os primeiros frios do outono.

*

Henrique ergueu a cabeça de entre as mãos.

Envolveria-os um silencio mais pesado agora. O vento sacudia a porta, sibilava lugubrememente na solidão da noite parecendo anunciar mau pressagio. A luz da candeia quase expirando, traçava na parede de um branco baço a sombra gigantesca e movediça do crucifixo.

Junto do lume, palida e enrodilhada, Manuela conservava-se silenciosa. Henrique veio encostar-se á janela. Espreitou a noite, o ceu que não se diferenciava da escuridão profunda. A chuva caía sem cançar. Na nudez dos campos um relampago fez advinhar num

momento as sombras negras das arvores e um trovão soou longamente

Outros depois se seguiram.

Já do alto da trave se apagara a candeia. O clamor dos trovões parecia encontrar um novo eco no interior desconfortavel da casa. O brazeiro derramava agora unicamente sobre o chão, sobre as coisas, uma luz vermelha e morta. A tia Teresa a um canto rezava.

Então, Manuela levantou-se e veio vagarosamente até junto de Henrique. Tudo aquilo lhe fazia terror, uma excitação nervosa. Com a cabeça pendida, desculpava-se como quem confessa um delicto:

— Tive medo. Estava ali sózinha...

E ficaram-se ambos num silencio contrafeito a espreitar a noite.

Atravez das vidraças, enquanto a chuva caía nas poças largas dos caminhos, Manuela habituada aos confortos que não deixam perceber as tempestades, pensou no horror das noites assim, nos casebres pobres isolados pelas escarpas da serra onde mingua a lenha para espalhar o frio e falta ás vezes o pão para entreter a fome; nos que erram pelas ruas e batem aos portais corridos pelos cães e quando a noite vem para o socêgo dos lares, ficam no silencio das estradas, fustigados pelo vento, repassados pela chuva, olhando o mundo distante que não foi dado a todos.

Com os olhos presos no negro infinito da noite, onde o vento uivava como um lobo que fareja a presa, balbuciou:

— Tenho medo.

Compreendeu a solidão das noites de inverno para aqueles que não teem na ausencia um olhar que os espera para os que atravessam a vida como um deserto árido. Pelo val profundo, batido agora pela chuva pelo vento, quantos lares não se sentiriam felizes num conchego suave?... As mães ao pé da lareira onde todos se aquecem embalariam os filhos no colo; e os namorados de mãos dadas olhos nos olhos, ao sentirem correr a chuva pela vidraça, lembrar-se-iam de um lar recatado, alegre, onde não chegasse o susurro do mundo e das coisas...

Num lamento onde ia toda a solidão do seu peito titubiou como uma orfã que alguém encontrasse desamparada:

— Tenho frio...

A chuva entretanto continuava sempre a cair, agora numa entoação certa, embaladora que amolecia os nervos os sentidos...

Manuela então caíu pequenina e palida sobre o peito de Henrique, que a envolveu nos braços e — como nos contos que findam bem — ficaram-se suspensos num profundo beijo, no meio da solidão que os unia.

Mariano Placido

“O MODELO DE PARIS”

19, RUA DO LORETO, 19

Os modelos mais recentes em calçados para senhoras e crianças,

a preços de combate!!!

CASA FUNDADA EM 1840